



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REVERBERAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO E PORQUÊ OS PROFESSORES NÃO DEVEM EDUCAR

Júlio César da Silva Dantas (1)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte;
julio.dantas@academico.ifrn.edu.br

Resumo: Este trabalho busca dissertar em favor da ideia que, não obstante o professor possa educar, é preciso que se limite ao ensino dos conhecimentos científicos. Escrevo sobre a diferença entre educação e instrução e porque à escola só cabe essa última; que, em sua quase completude, os professores não tem condições de educar, e que, se o tiverem, o monopólio da educação é da família, posta a necessidade de amar o educando, tal que só ela pode fazer; que a educação se transmite, então se dá pelo proselitismo – que o professor não tem direito de fazer com seus alunos. Educação; Instrução; Max Weber.

1. INTRODUÇÃO

O óbvio não mais tão óbvio. Qual a função da escola? Ela é o lugar para fazer com que os alunos tomem para si o avanço científico histórico – como tem sido desde então, como raras e indesejáveis exceções – ou é uma ferramenta para educar as jovens mentes? Este trabalho objetiva pôr em discussão velhas questões acerca da educação na escola. Busco combater a concepção de escola “formadora”, que professor educa e apresentar uma digressão sobre o conceito de educação *ad hoc* explicitar as diferenças entre educar e instruir e explico os motivos que justificam a escola como lugar para, e tão somente, a instrução.

Justifica-se na necessidade de propor contra pesos na discussão atual sobre o propósito da escola, vendo que, por serem conhecimentos, ideias e ideais bastantes consolidados, quase não existe reflexão sobre a validade das proposições prol escola como um educandário; e, sendo a reflexão sobre a prática docente uma necessidade para o bom caminhar dela, é indispensável, constantemente, reavaliar nossos pressupostos ante novos argumentos e contra-argumentos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A escrita do trabalho é produto de varias discussões em congressos e no próprio campus nas disciplinas de Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação e Didática, e de um processo de reflexão intensa; busquei um referencial teórico, na maior parte, não conservador, buscando segregar a ideia de o professor não educar de um simples ímpeto reacionário.

2. EDUCAÇÃO x INSTRUÇÃO

Sinto-me movido a diferenciar educar e instruir. Educar é, basicamente, o ato de transferir bons valores; inculcar no educando o que o educador julga necessário para sua formação moral. Porém, instruir – e digo instruir referindo-me ao que cabe a escola, fugindo da significação comum de aprendizagem mecânica focada no professor – é possibilitar o aprendizado de certos tipos de conhecimentos que lhe permitirão ganhar a vida. Por isso existem pessoas bem educadas que não passaram ao menos perto de uma escola e pessoas bem sucedidas, instruídas, mas sem educação. (MOREIRA, 2012, p.7)

Huberto Rohden (2005), importante autor no meio “educacional” concorda e diz: “Descobrir fatos fora de nós é instrução – realizar valores dentro de nós é educação.” (ROHDEN, 2005, p.29)

Em suma,

(...) a educação leiga ou cívica não é educação alguma; é apenas um processo de instrução horizontal, em um sistema de aparelhamento que visa o mundo dos objetos fora do educando, e nada tem que ver com o ser humano dentro dele. A verdadeira educação, porém, tem por fim plasmar o caráter do educando, torna-lo melhor como ser humano, e não apenas mais hábil como conquistador de objetos impessoais em torno dele. (ROHDEN, 2005, p.29)

3. SERÁ A ESCOLA UM EDUCANDÁRIO?

De intimis non curat praetor. O professor Armindo Moreira, autor do livro “Professor Não É Educador” (2012), questiona o axioma comum na



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

academia: professor é educador, aceito por autores como Paulo Freire (1996) e proferido *ad nauseam* no meio acadêmico; mas será que é verdade? Para Paulo Freire (1996) não só é verdade, mas a educação deve prescindir o aprendizado dos, por ele chamados, “saberes instrumentais”. Segundo Freire, a experiência educativa é fundamentalmente humana e, por ser, é formadora; sendo assim, o ensino dos conhecimentos científicos não se podem dar alheios à formação moral e ética do educando (FREIRE, 1996, p.19).

Ora, mas para educar é necessário amorosidade! Segundo o próprio Freire (1996), que diz que educar é um ato de amor. No entanto, não só é um ato de amor, mas exige amor: para educar é necessário afeto, uma via dupla de intimidade e preocupações mútuas, ainda que Freire não veja dessa forma. Dito isso, compreende-se a premissa defendida por Armindo, porque somente a família poderia provir todo esse arcabouço sentimental que necessita a ação de educar, sendo dela dever cardeal. Como dito, para educar é necessário amor! Mas pode-se pedir isso, o que não se pede em nenhuma outra profissão, ao professor? Que ame?

Moreira (2012) diz mais: “Se a escola fosse um educandário, ela teria um programa educativo tão claro e detalhado quanto o instrutivo.” (MOREIRA, 2012, p.11), deixando claro que educação idealiza aquela instituição de ensino, como acontece nas escolas confessionais; afinal, temos uma grade curricular que estabelece quais componentes disciplinares deverão ser trabalhados no ano letivo, e por isso a escola se caracteriza como fonte de instrução; o mesmo não se repete ao que toca a educação.

Quando matriculamos uma criança em uma escola, temos pleno conhecimento do programa de matérias, mas nunca do educativo, diz o professor, abrindo brechas para profissionais mal intencionados se aproveitarem da imunidade provida pelas quatro paredes da sala de aula para inferir sob os alunos suas verdades.

Moreira (2012) alerta que somente a um governo fascista interessa a confusão entre educar e instruir, pois qual não sucumbiria ao desejo de mentalizar o povo, quando lhe é confiada a tarefa de (des)educar?

Um outro ponto que justifica o fato de que, ainda que possam, os professores não devem educar, é a declaração americana sobre direitos humanos . Em seu artigo doze, numero quatro, diz que os pais ou tutores tem direito que seus filhos recebam a educação moral e religiosa que esteja de acordo com sua convicções.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Sabendo ainda da laicidade da escola, fica mais claro que a função de educar moral e religiosamente cabe a família. *Dignum et justum est* que o professor, a escola e os legisladores respeitem o marco da liberdade da família.

Último ponto que destaco dessa discussão é que a educação se dá pela doutrinação; isso é inegável. A obtenção de um certo espectro de educação se dá na pura assimilação daquilo que lhe é imposto. Educa-se pelo proselitismo, pelo convencimento. Dito isso, compreende a necessidade de que o professor não se veja como um educador – pois não tem esse direito para com seus alunos.

3.1 Não deve educar, mas exige educação

Um argumento comunal nas discussões sobre o tema que escrevo essas linhas é a inevitabilidade da educação, por parte do professor; “Quando impeço que colem, já estou a educar.”, “Quando trabalho o respeito entre os colegas, estou educando.”; são falas comuns. No entanto devo evidenciar o equívoco. A escola não é, em minha concepção, um lugar em que se deva ir buscando educação; é um lugar que se deve ir buscando tomar pra si a construção científica humana ao longo da história, e não fortuito, já que o aluno está imerso nesse fluído tecnológico, mas, para que ele conheça essas construções, é necessário que tenha um comportamento de acordo com o ambiente acadêmico que frequenta. Em outras palavras, a escola não educa, mas exige que o aluno tenha educação para promover a ciência dos constructos teóricos programáticos. Ora, uma empresa exige que os seus funcionários respeitem-se; que não roubem as ideias mutuamente, mas, nem por isso, ela é chamada de instituição de ensino, tão pouco de educação.

4. PROFESSOR E A EDUCAÇÃO

Max Weber, em seu ensaio “Ciência e Política: duas vocações” (2004), trata da neutralidade axiológica nas ciências sociais. Para Weber, neutralidade axiológica é manter a dicotomia entre os registros dos fatos e os juízos de valor de quem registra. Já preocupado com o tema em debate (o exercício do proselitismo ideológico por docentes), Weber traz a discussão para o campo da docência e diz:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O verdadeiro professor evitará impor, de sua cátedra, uma tomada de posição qualquer, seja abertamente, seja por sugestão – pois a maneira mais desleal é evidentemente a que consiste em ‘deixar os fatos falarem’. (WEBER, 2004, p.39)

Diz isso porque acredita que não exista lugar para opiniões (políticas) pessoais na sala de aula, pois seus oponentes (alunos) estão condenados ao silêncio (nas palavras do autor alemão), e alerta: “(...) uma coisa é tomar uma posição política prática, e outra coisa é analisar cientificamente as estruturas políticas e as doutrinas dos partidos.” (WEBER, 2004, p.38). Ele atenta para a hierarquização existente na sala, onde o professor tem a palavra e os alunos estão fadados ao silêncio, então diz que

Tanto o profeta quanto ao demagogo, cabe dizer: ‘vá á rua, fale em público’, o que vale dizer que ele fale onde possa ser criticado. (...) As circunstâncias pedem que os alunos sejam obrigados a seguir os cursos de um professor, tendo em vista a futura carreira, e nenhum dos presentes em uma sala de aula pode criticar o mestre. (WEBER, 2004, p.39-40)

Em suma, diz que dada a ainda presente hierarquização entre os estudantes e o professor e inegável superioridade da bagagem intelectual do docente, este último deveria evitar de emitir juízos de valor sobre circunstâncias além do saber científico porque os estudantes teriam isso como igual propriedade que os próprios conhecimentos científicos, justificando tanto a laicidade da educação como a não educação, por parte dos *dozenten*. Diz ainda:

A um professor é imperdoável valer-se de tal situação para incutir, em seus discípulos, as suas próprias concepções políticas, em vez de lhe ser útil, como é do seu dever, através da transmissão de conhecimentos e experiência científica. (WEBER, 2004, p. 40-39)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

É comum estranhar-se a ideia de “transmissão de conhecimentos”, isso é responsável por atribuir ao ensino neutro a alcunha de tecnicista. Porém, a retirada do aspecto educador do ensino não quer dizer que ele vá se submeter à sociedade industrial e tecnológica ou que vá ficar a mercê do mercado.

São duas as principais críticas que fazem a Max Weber na contemporaneidade para justificar a negação de suas obras (citadas): que seus estudos referem-se somente à Alemanha e que não são atuais. Mas, no final das contas, Piaget baseou os primórdios de seus estudos com seus filhos – conhecimentos estes ainda atuais. Além do que o ensino tradicional não é atemporal? Ainda não existe o modelo escolástico hierárquico, livresco e pedante? Poderiam ser mais atuais suas colocações?

4.1 O professor não é um sábio

Acredita-se que o professor deva ser um orientador de vida do estudante, mas não é. Sobre isso, Weber diz:

O erro que uma parte de nossa juventude comente, quando, ao que observamos, replica: “Seja! Mas se frequentamos os cursos que vocês ministram é para ouvir coisa diferente das análises e determinações de fatos”, esse erro consiste em procurar no professor coisa diversa de um mestre diante de seus discípulos: a juventude espera um líder e não um professor. Ora, só como professor é que se ocupa uma cátedra. (WEBER, 2005, p.43)43

Pregar o professor como educador é pregar que o seu diploma de licenciado lhe confere ares de sabedoria para a orientação sobre a vida dos estudantes; sobre a própria educação. Se, segundo Moreira, educar é criar hábitos e sentimentos que permitam ao educando adaptar-se ao meio social que vive, como poderia o professor educa-lo se não sabe nem advinha o meio social que vive o estudante? O professor não tem essa sabedoria. Encerra Max Weber:

De qualquer maneira, o que faz, o que transforma um homem em (...) professor universitário não é, por certo, o que poderia transforma-lo em um líder no domínio da conduta prática da vida e, especialmente,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

no domínio prático. (...) Seria inquietante o fato de todo professor titular de uma cátedra universitária abrigar o sentimento de estar colocado diante da impudente exigência de provar que é um líder. E mais inquietante ainda seria o fato de permitir-se que todo professor de universidade julgasse ter a possibilidade de desempenhar esse papel na sala de aula.

Quando vejo defensores pro e contra a escola educandário dúvidas me cintilam na cabeça, uma sobre a “Educação” de Jovens e Adultos; imagino um aluno recém-formado, aos vinte e poucos anos de vida, promovendo educação nos homens e mulheres já formados moralmente. O que este professor, sobre experiência de vida, pode acrescentar aos senhores e senhoras com idade de meados de um século? Que tipo de educação está apto a promover? Outra quando esse professor tem o que educar, mas que não é tão moral, digamos; imagine um professor, orientado ao norte hedonista beberrão, ateu e pessimista; a educação que ele promoverá deve ser totalmente amoral, inadequada e desorientada. Muito covardemente ele poderia advogar (de certa forma, educar) em favor de suas concepções em razão dos alunos, causando produtos desastrosos.

Nas últimas considerações sobre o tópico, trago citações de Rohden (2005) sobre a educação:

(...) o verdadeiro educador deve ser um homem altamente “realizado”; deve ter realizado em si os seus mais profundos valores humanos; só assim poderá servir de guia e mentor a outros, não tanto pelo que diz ou faz, mas sobretudo pelo que é. deve ser educado, para que possa educar. (Rohden, 2005, p.76)

Rohden (2005) diz que quem não está plenamente educado não pode fazê-lo por que se encontra na mesma fissura abismal que o educando; “(...) a educação total exige a realização do homem integral.” (Rohden, 2005, p.76).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Por fim, espero ter deixado claro que, ainda que possa educar, é saudável que não o faça, pois o monopólio da educação pertence à família, responsável cardeal pela educação e única que poderia fazê-lo – por que, simplesmente, está na condição de promover um ambiente de amor que proporciona e requisita a educação. Para os alunos, se não possuírem requerida maturidade intelectual, só caberá concordar com o educador. Quando o faz, ele está inconscientemente – ou nem tanto – praticando a educação bancária, depositando nos alunos seus ideais de moral.

Não deve educar por que, também, não consegue. Não temos formações em educação, mas na licenciatura específica. Não cursamos, nós professores, disciplinas voltadas para a educação, como o próprio estudo da ética e da moral.

Não consegue educar porque não foi plenamente educado; não consegue porque a educação – etimologicamente – consiste na edificação de valores no educando e, quando o professor carece da plenitude, não consegue visualizar e edificar valores nos educandos; ele não pode colocar o estudante em um patamar onde ele mesmo não está, e tenho dito.

Não deve educar pois seria desonesto e demagogo e utilizaria um espaço que o privilegia para tal.

Ainda sobre o pretexto de buscar uma sociedade melhor, o professor não deve tentar inculcar nos alunos valores que lhes pareçam justos, porque podem não parecer para a família do educando – essa, responsável precípua pela educação, como já dito; a função do professor é possibilitar ou facilitar o aprendizado dos conteúdos científicos – ênfase –; se tentar envolver os alunos em suas ideologias – sejam elas quais forem – ele irá ferir, inevitavelmente, a liberdade intelectual dos que lhe ouve.

6. REFERÊNCIAS

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. 1996 Disponível em <<https://groups.google.com/forum/#!topic/computacao-iftm4/46Y11xCQZrw>>



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ROHDEN, H. **Novos Rumos Para a Educação.** São Paulo: Martin Claret, 2005.

WEBER, M. **Ciência e Política:** duas vocações. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br